

Uma, nenhuma, cem mil Neusas:
um retrato político-biográfico de Neusa Santos Souza¹

Luiza Freire Nasciutti (UERJ/RJ)²

Resumo

Este trabalho parte da pesquisa de doutorado "Tornar-se Neusa: raça, subjetividade e memória a partir da trajetória e obra da intelectual, psiquiatra e psicanalista Neusa Santos Souza", que versa sobre os atuais acionamentos e discussões que partem da obra "Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social" e sobre as interpretações diversas que emergem no presente sobre a história de vida desta intelectual negra brasileira. Neste recorte, apresento uma alusão ao romance de Luigi Pirandello, "Um, nenhum, cem mil", para pensar sobre uma dimensão recorrentemente presente nas narrativas de meus entrevistados sobre Neusa Santos Souza: a ideia de que não há uma única Neusa, mas várias Neusas, já que ela se apresenta de múltiplas formas a depender dos variados olhares e escutas que se predispõem diante dela ao longo de tempos e contextos. A partir desta ideia, me abro para às plurais narrativas de seus conhecidos, colegas e amigos, de momentos distintos de sua trajetória de vida, a fim de perceber quais camadas, fragmentos e facetas de Neusa foram mobilizados para descrevê-la e para transmitir sua história. Assim, aparecem os retratos de "Zu", "Neusa 70", "Dra Neusa" e "Neusinha", como diferentes recortes e molduras construídas sobre uma pessoa e sua história de vida, assumindo que em qualquer trajetória individual há descontinuidades, contradições e incoerências constitutivas de todo sujeito (SCHWARCZ, 2013; SANTOS SOUZA, 1998). Valorizando os relatos orais como fontes que não traduzem o verossímil ou o verídico de uma biografia, mas comunicam muito mais sobre os sentidos que ficam marcados nas pessoas que a rememoram enquanto impressões de uma presença e de uma vida, percebo como diferentes "Neusas" serão constituídas nas próprias narrativas de entrevista, e evidencio os pontos comuns delineados entre essas múltiplas falas, sem apagar suas ambivalências.

Palavras-chave: biografia, memória, intelectualidade negra.

Neusa Santos Souza nasceu em 1951, em Cachoeira, no coração do Recôncavo Baiano, cidade marcada pela expressão fulgurante da cultura negra afro-baiana.

As meninas ali nascidas nesses tempos, descem o Rio Paraguaçu. Elas descem com as legiões de quilombos e quilombolas que ainda hoje descem e sobem o Rio para a Baía do Iguape, também em Cachoeira. Neusa é filha das águas, ela é, sem dúvida, abençoada por Oxum nas corredeiras das cachoeiras, que não abandona sua luz e seu prestígio e a leva para os mares e oceanos da diáspora

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ). Email: luizanasciutti@gmail.com.

de todos os mundos, fixando-se na Baía de Guanabara no Rio de Janeiro.
(OLIVEIRA, 2020)

Na juventude, estudou na Faculdade de Medicina da Bahia, no lastro de Juliano Moreira e Nise da Silveira, que se formaram na mesma instituição, e, como Neusa, seguiram para o Rio de Janeiro para dedicar-se à psiquiatria. Neusa, Nise e Juliano se encontram em percurso e pelas marcas significantes deixadas ao campo psi³, ao inovarem na compreensão e nas práticas de cuidado em saúde mental e ao levarem à radicalidade o trato humanizado de pacientes que carregavam o estigma das psicoses (PRESTES, 2020).

Na década de 1970, cursou o mestrado no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB). *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, sua obra mais conhecida, deve ser lembrada como o resultado de um trabalho de pesquisa que se desdobrou em sua dissertação de mestrado de 1981, que se tornou livro em 1983. Ela propõe, nesta obra, uma reflexão sobre o racismo e suas implicações em sofrimento psíquico, em um momento em que essa temática não se apresentava como questão à psiquiatria. De forma pioneira, se apropria da perspectiva freudiana para analisar a vida emocional de negras e negros no Brasil, temática de absoluta ausência na teoria psicanalítica à época, e que, ainda hoje, é bastante marginal ao campo, apesar de reconhecidos esforços de novas pesquisas em incorporar os efeitos psicossociais do racismo como perspectivas teóricas e clínicas relevantes (DIAS & SILVA, 2018).

Nesse mesmo período, Neusa se aproximou da militância negra e do engajamento político de esquerda que se opunham à ditadura militar. Assim, ela participa das atividades da Convergência Socialista, do Movimento Negro Unificado e do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN). Naquele momento, a cidade do Rio de Janeiro é marcada por uma forte efervescência política, devido ao arrefecimento das medidas autoritárias do regime civil-militar. Os movimentos negros se revitalizavam e inauguravam uma nova fase caracterizada pela inspiração marxista e pela posição diferencialista e racialista (DOMINGUES, 2007), através da denúncia da falácia da democracia racial e da positivação estética e cultural da identidade negra (GONZALEZ, 1982). Neusa compõe esse momento político, ao incitar reuniões e discussões a partir do lançamento do *Tornar-se negro* no IPCN em 1983. Além de impactar a intelectualidade e a militância negra dos

³ Referente ao campo de atuação e teoria das diferentes áreas da Saúde Mental, incluindo o corpo de profissionais e intelectuais psicanalistas e psicólogos.

anos 1980, sua obra impulsionou o debate sobre saúde mental da população negra, e, neste campo, é hoje uma das principais referências.

Com grande influência do pensamento fanoniano, a partir de uma leitura original de *Pele Negras, Máscaras Brancas*, adaptada ao contexto social brasileiro, Neusa Santos, ao lado de Virgínia Leone Bicudo, foi uma das primeiras intelectuais a propor uma análise do racismo brasileiro a partir do campo das subjetividades e dos afetos. Ela coloca em pauta, de forma inédita na teoria psicanalítica no Brasil, o custo emocional da violência racial, refletindo sobre a introjeção do discurso racista na formação subjetiva de indivíduos negros/as, em especial dos/as que vivenciam a ascensão social. Assim, posiciona uma contundente crítica à ideologia de branqueamento e à sua contraface, o mito da democracia racial, que forjam um ideal (de ego) branco a ser perseguido pelo sujeito negro como modelo de identificação⁴.

Tornar-se negro percorre narrativas de história de vida de mulheres e homens negros que vivenciam uma angustiante relação frente ao próprio corpo e a seu marcador racial. No entanto, a psicanalista percebe, em meio às narrativas de vergonha, sofrimento e submissão ao estereótipo racial de seus entrevistados negros, uma brecha pela qual o sujeito consegue aparecer e se afirmar. Ela assim apresenta a sua conclusão: ser negro é tomar consciência do processo ideológico que sustenta um discurso mítico acerca de si; ser negro é a possibilidade de construir uma identidade negra, tarefa eminentemente política; ser negro é a contestação do modelo caricatural do branco, tomado como referencial de beleza e realização; ser negro é romper com esse modelo e criar as

⁴ Neusa Santos discorre como sujeitos negros em ascensão se reconhecem na imagem alienada produzida pelo “mito negro”, um discurso ilusório que nega a história para transformá-la em “natureza”, reunindo todos os simbolismos pejorativos associados aos sujeitos negros capazes de “estruturar um espaço, feito de expectativas e exigências, ocupado e vivido pelo negro como objeto da história” (2021:55). Esses sujeitos vivenciam a introjeção do “complexo de inferioridade” e incorporam para si os valores da ideologia de branqueamento, engendrados, sobretudo, na esfera familiar. É nesta esfera, fundamental para a formação do sujeito e da introdução à linguagem e à cultura (FREUD, 1969), que a brancura é construída como um valor. Para a autora, o ideal de ego, na cultura ocidental e capitalista, é fundado na dupla opressão de classe e cor, e o modelo idealizado a ser subjetivado será o de riqueza e brancura. Este será o argumento percorrido, através da teoria freudiana, no capítulo “Narcisismo e Ideal de Ego”. Aqui, a psicanalista argumenta que a tentativa de aproximação do ego em relação ao ideal do ego, em geral frustrada, demarca, na subjetividade negra, uma tentativa de realização impossível. “É que o Ideal do Ego do negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominantes, é branco. E ser branco lhe é impossível” (SANTOS SOUZA, 2021:73). Este processo institui uma ferida narcísica, cujo efeito psíquico toma o feito de culpa, inferioridade, defesa fóbica e depressão, conclusão que será observada empiricamente através das histórias de vida de seus interlocutores.

condições que lhe permitirão ter um rosto próprio; ser negro é um vir a ser, ser negro é tornar-se negro (SANTOS SOUZA, 2021:115-6).

Aqui, proponho trazer diversas camadas da história de vida de Neusa Santos Souza, tecendo pontos comuns entre as entrevistas que realizei durante minha pesquisa de doutorado (2020-2024). Na pesquisa, busquei reunir interlocutores que comunicassem elementos heterogêneos sobre sua biografia, privilegiando a diversidade dos lugares de enunciação que correspondessem a momentos diferentes de sua trajetória de vida. Procurei, assim, abordar uma multiplicidade de Neusas que se presentificaram nas narrativas dos/as interlocutores/as de pesquisa, que foram ordenados em quatro subgrupos de entrevistados, a saber: (1) os familiares, vizinhos e amigos de infância que viveram em Cachoeira (Bahia), nos anos 1950-60; (2) os amigos da Universidade de Medicina da Bahia, os psiquiatras do Sanatório Ana Nery, e os demais que conviveram com ela em Salvador, no início dos anos 1970; (3) os colegas do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB), do Centro Psiquiátrico Pedro II, do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), do Movimento Negro Unificado (MNU) e dos demais movimentos sociais pelos quais ela esteve engajada nas décadas de 1970 e 1980; e (4) o círculo de amigos e psicanalistas que estiveram mais próximos nos últimos anos de sua vida. A partir destes recortes, me abri para as plurais narrativas de seus conhecidos, familiares, colegas e amigos, a fim de perceber quais camadas, fragmentos e facetas de Neusa foram mobilizados para descrevê-la e para transmitir sua história. Assim, apareceram os retratos de “Zu”, “Neusa 70”, “Dra Neusa” e “Neusinha”, como diferentes molduras construídas sobre uma pessoa e sua história de vida, assumindo que em qualquer trajetória individual há descontinuidades, contradições e incoerências constitutivas de todo sujeito (SCHWARCZ, 2013; SANTOS SOUZA, 1998).

Mais do que a intelectual, psiquiatra, médica ou psicanalista, me destino a pensar sobre a pessoa, o ser humano “Neusa”. Assim como outras e outros pesquisadores se dedicaram a tratar do/a autor/a por detrás de grandes obras de autoras/es negras/os (RATTS, 2006; RATTS & RIOS, 2010; SCHWARCZ, 2017; CHERKI, 2006; SANTANA, 2021; GOMES, 2013; BAIROS, 1999; FAUSTINO, 2018), me aventuro a traçar um esboço biográfico sobre Neusa Santos, sem tratá-la como uma figura exótica ou fixá-la a uma noção de “trajetória de exceção”, sem também, no entanto, apagar o seu traço de

excepcionalidade (RATTS, 2006)⁵. A relevância de se recompor e transmitir a história de vida de intelectuais negras brasileiras, se situa além de fazer frente à quase inexistência de registros biográficos sobre estas figuras, fruto dos mecanismos de invisibilidade negra perpetuados em diversos âmbitos sociais (Idem). Embora minha pesquisa tenha tentado contribuir para “corrigir” essas lacunas históricas, os objetivos desta escrita estão para além deste intuito. A disposição por conhecer a (história da) mulher negra que escreveu *Tornar-se negro* (1983/2021) e *A Psicose* (1991/2023), está mais associado à necessidade em redirecionar o olhar para aquilo que escapa ao enquadramento que historicamente tem sido resignado a mulheres e homens negros que deixaram suas contribuições para o patrimônio intelectual, político e cultural da humanidade, e o reorientar para “um aspecto que nos parece da maior relevância – revelar o negro como criador e criatura. Numa palavra: Sujeito” (OLIVEIRA, 2001: 87). Como atesta Alex Ratts: “penso que se faz necessário abrir os olhos para as figuras negras que se recompuseram em fuga, em combate, em territórios móveis, numa terra estranha que hoje nos estranha e devia ser ‘nossa’” (2006: 19).

Na medida em que há uma importância política no ato de lembrar e nomear para se contrapor à invisibilidade de mulheres negras (CARNEIRO, 2004), o “retorno” aos escritos de autoras negras⁶ deve acompanhar uma disposição em saber quem foi essa mulher negra, em sua humanidade e irredutibilidade. Este trabalho pretende, por isso, unir vozes de diferentes lugares de enunciação e vestígios que resistiram ao tempo e ao massacre do genocídio epistêmico, para oferecer um retrato de Neusa Santos Souza, assumindo a incapacidade de apresentar sua história de vida em sua complexidade e totalidade. Reconheço os limites, os pontos cegos e os campos de invisibilidade que se impõem nesse processo, que dizem respeito tanto às economias de apagamento em relação à trajetória de uma mulher negra, evidentes na escassez de fontes e registros existentes sobre sua pessoa, quanto aos próprios limites do meu trabalho de pesquisa.

⁵ Sobre Beatriz Nascimento, Alex Ratts declara: “Mais que a onomástica e o desejo de adjetivar a pessoa em foco, permito-me dizer que tangencio uma personalidade especial (e não exótica), pressupondo o quanto foi demorado e caro para ela adquirir tal estética, tal brilho, com o preço, talvez da solidão. Uma exceção num certo sentido, quando pensamos na situação das mulheres negras no mundo contemporâneo, mas bastante compreensível quando olhamos para a trajetória de mulheres negras intelectuais ativistas” (2006; 34)

⁶ Seguindo Alex Ratts, “Assumo a ideia de ‘retorno’ enquanto um propósito (não isolado) de recolocar em pauta a voz de intelectuais negras(os)” (2006:33).

Aqui, enquadro o recorte de maior ênfase política da trajetória de Neusa Santos, quando ela faz parte do Movimento Negro Unificado e da Convergência Socialista, cursa o mestrado em psiquiatria no Instituto de Psiquiatria da UFRJ e se aproxima do movimento pela Reforma Psiquiátrica Brasileira. Contexto de reabertura democrática, é um período que demarca uma efervescência política no país, que reúne lutas sindicais e as reivindicações dos movimentos sociais, que reaparecem e se reestruturam após o arrefecimento das políticas da repressão militar. No Rio de Janeiro, Neusa conhece pensadores ativistas como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento e se aproxima de intelectuais e psicanalistas como Jurandir Freire Costa, Gregório Barenblitt e Roberto Machado. É, para ela, uma época de ebulição de pensamento, formação intelectual, acercamento com a psicanálise e com a militância política. Talvez a etapa mais proeminente de sua trajetória, na medida em que simboliza a concretização de sua mais repercutida obra, *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, e seus impactos para a cena política negra em seu contexto de aparecimento.

Por último, gostaria de pontuar, nesta apresentação, um comentário sobre o título do trabalho, que é uma alusão a uma das obras de Luigi Pirandello, o escritor italiano, *Um, nenhum, cem mil* (2023). Neste romance, Vitangelo Moscarda se espanta quando sua mulher aponta um defeito em seu nariz que até então desconhecia, e este episódio corriqueiro desencadeia nele uma série de reflexões e angústias. Mas do que se ater ao pequeno defeito, o homem fixa-se à ideia de ter vivido por tantos anos se pensando como “um Moscarda de nariz reto”, enquanto era para todos “um Moscarda de nariz torto”, o que o leva a perceber que ele não conhecia bem em si mesmo as coisas que mais intimamente lhe pertenciam e que não era para os outros aquilo que até então havia imaginado que fosse (PIRANDELLO, 2023:14). Esta obra pretende contestar, portanto, a presunção de unidade do Eu (SANTOS SOUZA,1998/2021), na medida em que evidencia que nossa imagem de si não corresponde a imagem que os outros constroem sobre nós.

São diversas perspectivas que vão "montando" esse mosaico que se torna a identidade, mas um mosaico sempre incompleto, visto que as peças não terminam de ser colocadas para se ver uma imagem única, sendo completada pelas diferentes máscaras desse "eu" visto por múltiplos. Pensar essa identidade que se fragmenta, um "eu" que não pode mais ser apreendido em sua totalidade, se torna uma questão importante e presente não somente na obra de Pirandello, mas uma constante principalmente da segunda metade do século

XX em diante. *Um, nenhum e cem mil é*, com isso, uma obra que reverbera ainda, com questões desconcertantes, que tocam a literatura italiana contemporânea, mas não somente. (FACCIO, 2020)

Em “Uma, nenhuma, cem mil Neusas”, “Uma” se refere à ideia de que o conjunto de narrativas, consultadas para produzir esse modesto retrato biográfico, pretendem descrever inequivocamente a mesma e única pessoa: Neusa Santos Souza, nascida em Cachoeira, em 1951, e falecida no Rio de Janeiro, em 2008. “Nenhuma”, por assumirmos a incapacidade de apresentar uma verdadeira, concreta e absoluta Neusa, reconhecendo que o que podemos reunir, nessa recomposição de sua história, são apenas impressões (e imprecisões) que resultam do olhar de determinadas pessoas sobre ela e dos vestígios por ela deixados. “Cem mil” se refere à dimensão das várias e infinitas Neusas possíveis e cabíveis em uma única trajetória.

Neusa “topetuda”

Neusa era uma pessoa ousada, e, talvez, o ambiente em Salvador não propiciasse muito isso. Mas aqui no Rio, eu acho que ela se expandiu, soltou as amarras. E, normalmente, no meu caso, como é o caso de tanta gente, a gente vinha fazer residência na Universidade Federal e depois ia fazer mestrado, doutorado. A Neusa já fez concurso direto pro mestrado. Isso mostra a petulância. Ela era topetuda. Ela não tinha essa coisa de começar pelo primeiro degrau. (LIMA, 2021)

“Topetuda” não é aqui um significante trivial, pois foi no Rio de Janeiro que Neusa Santos Souza usou pela primeira vez seu famoso penteado afro “Nefertite”, depois de passar pelas tranças nagô. Foi também no Rio que ela militou ao lado de Amauri Mendes Pereira, Lélia Gonzalez, Astrogildo Esteves Filho, Marilma Barbosa, Azoilda Loretto Trindade, Aderaldo Gil, Pedrina de Deus e outras entidades do movimento negro das décadas de 1970 e 80. Onde disputou uma psiquiatria não convencional e nada psicofarmacológica com amigos e colegas do Instituto de Psiquiatria da UFRJ e do Hospital Pedro II, fundamentais para o percurso da Reforma Psiquiátrica no Brasil, como Pedro Gabriel Delgado, Paulo Amarante, João Ferreira, Orlando Coser, José Carlos Souza Lima, Benilton Bezerra e Pedro Silva. E onde conheceu mais de Freud e de outras psicanálises possíveis junto a Gregório Barenblitt, Isidoro Americano Brasil, Jurandir Freire Costa, Paulo Vidal, Stella Jimenez Gordillo e Clauze Abreu. Por fim, foi na cidade carioca que

ela realizou a sua pesquisa de mestrado que se concretizou na imponente obra, *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Talvez seja tudo isso que um de seus grandes amigos, José Carlos Souza Lima, queira dizer com “ela se expandiu, soltou as amarras”, em muitos sentidos.

Foi nesse período que ela obtém o título acadêmico de mestre, ao concluir a formação no IPUB em 1981, que, à época, havia um peso quase equivalente a um doutoramento – se pensarmos que, para o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado, se levava entre 4 a 5 anos, e os resultados obtidos constantemente se transformavam em publicações significativas. A ênfase depositada ao título de mestre que Neusa adquire em sua inserção acadêmica não pretende reiterar (ou apagar) o papel das relações de poder presentes nas gramáticas e sistemas de legitimidade reproduzidos no meio acadêmico (ALMEIDA, 2021). Nem equivale a dar substância importância a um diploma, que reifica assimetrias, instituindo que os saberes produzidos com um aval de cientificidade são mais legítimos do que outros saberes não acadêmicos. Muito menos pretendo corroborar com a tese que pensa a ascensão social do negro como mecanismo de superação das desigualdades raciais no Brasil. No entanto, busco evocar que Neusa, que excede em muito o enquadramento de uma pesquisadora restrita aos muros universitários, obtém por meio dessa pesquisa, e também deste título, a possibilidade de fazer-se sujeita do conhecimento, trazendo enunciados que desafiam o status quo acadêmico e pautam possibilidades de outras agendas teóricas e objetivos para esse espaço (PENNA, 2019). Pretendo também salientar que ela, apesar de se consolidar, sobretudo a partir dos anos 1990, como psicanalista do campo lacaniano, teve uma formação de médica psiquiatra, o que tem ainda mais significância se pensarmos que a área médica sempre se fundou sob o signo androcêntrico e de branquitude (VANIN, 2013). Pensamos, por exemplo, em Virgínia Bicudo, primeira psicanalista mulher e negra brasileira, que sofreu inúmeras acusações que colocavam em xeque sua condução terapêutica, por não obter um diploma em medicina (GOMES, 2013)⁷. O título acadêmico aparece recorrentemente como atributo de legitimidade (ou de invisibilidade e silenciamento, em sua ausência) e, muitas vezes, como um divisor de águas nas trajetórias intelectuais de autoras negras como Beatriz Nascimento, Lélia

⁷ “A psicanálise não estava de todo institucionalizada [nos anos 1940] e os argumentos anti-psicanalíticos eram ferrenhos, principalmente, por parte dos médicos da Faculdade de Medicina de São Paulo (em sua quase totalidade homens). Para Virgínia isso era ainda mais difícil por ter se tornado a primeira psicanalista não médica no Brasil, o que abriu caminho para que não seja exigida, ainda hoje, a formação em medicina como pré-requisito para o exercício da clínica psicanalítica. Isso lhe valeu a acusação de charlatã” (GOMES; 2013; 59-60).

Gonzalez e Neusa Santos. Como uma vez proliferou o intelectual e ativista negro, Eduardo Oliveira, no evento “Quinzena do Negro”, na Universidade de São Paulo, em 1977:

Nós temos direito a esta instituição, sobretudo esta aqui [a USP], que é pública. E o fato de fazer [a Quinzena do Negro] dentro da universidade é para que essas universidades assumam a sua responsabilidade de universidade para formar mais negros, para que possam como Beatriz [Nascimento], que passou por uma universidade, ir ao Quilombo, à favela, seja lá onde for, e dar os ensinamentos dela lá. Agora, sem uma universidade, sem um crédito, seria até impossível eu conseguir esta semana aqui, porque eu seria apenas um negro. Hoje, depois de 10 anos ou 12 de trabalho já me mandam entrar e sentar, porque seu Eduardo de Oliveira tem um título que não pretende ser doutor, que não se branquiou, mas que usa disso como instrumento de trabalho, para poder se afirmar como negro e ajudar outros negros que se afirmem como tal. (OLIVEIRA, 2001)

Nos anos 1970, a maioria dos formados em medicina que queriam seguir os estudos no Instituto de Psiquiatria do Rio de Janeiro faziam a residência médica e depois prestavam concurso para o mestrado. Não que fosse uma exigência passar pela residência, mas se pensava que era um estágio natural para se chegar ao mestrado. Neusa Santos pulou esta etapa e aplicou direto para a prova de mestrado, iniciando sua formação na instituição em 1976. Como vinha de fora do Rio de Janeiro, estabeleceu-se na moradia da própria universidade, na residência estudantil dentro do campus acadêmico do IPUB, que ficava em Botafogo, ao lado do Instituto Philippe Pinel. A residência do IPUB era apelidada por seus residentes como “casa”. Era um casarão de estilo antigo, onde grande parte dos estudantes de psiquiatria moravam. A “casa” se tornou um lócus de encontros e descobertas de muitas pessoas que passaram pelo IPUB. As amizades que Neusa estabeleceu nesse período provinham sobretudo dessa vivência na moradia estudantil. Não por acaso, ela escreveu, em sua dedicatória da tese de mestrado, uma menção a estes amigos, referidos como o “pessoal de casa”. Foi na “casa” onde conheceu Orlando Coser Filho, João Ferreira, José Carlos Lima e Pedro Silva, que se tornaram alguns de seus grandes amigos íntimos. A residência propiciou um agregamento de pessoas que se desmembrou, depois, em importantes frutos políticos e acadêmicos. Nessa época, lá esteve morando Pedro Gabriel Delgado, que iria ser um dos pensadores e atores chaves da Reforma Psiquiátrica Brasileira, e Paulo Amarante de Carvalho, que também viria a fazer parte ativa do processo da Reforma e a elaborar um dos primeiros estudos sobre a

política de saúde pública no Brasil. Outra figura importante era João Ferreira Filho, que viria a se tornar o diretor do próprio IPUB e também um dos grandes baluartes do movimento da Reforma. Neusa estava em meio a esse grupo que se constituía. Uma relação de mútua amizade ia se formando entre todos eles, que estavam iniciando suas carreiras na psiquiatria.

O IPUB era, desde sua fundação, uma instituição tradicional e muito bem cotada para os estudos em psiquiatria no Brasil. Fornecia uma formação marcada pelos autores mais clássicos da área. O campus universitário funcionava também como hospital psiquiátrico, que tinha a estrutura de um hospício tradicional *a la Vigiar e Punir*. Mas os novos alunos estavam chegando dispostos a colocar em questão o aspecto mais repressivo da instituição psiquiátrica e buscavam leituras que estavam fora do escopo cânone da literatura psicomédica da época. Neusa também fazia parte desta vanguarda. No tempo em que morava na residência, participou de inúmeros grupos de estudos e leituras com seus colegas. Faziam da residência um ponto de encontro e discussão. Eles precisavam estudar os manuais de psicofarmacologia, que eram obrigatórios no ensino, mas faziam disso apenas uma parte do tempo dedicado aos estudos. Na outra parte, estudavam Goffman, Foucault, Castell e Basaglia. O papel autoritário e disciplinar do hospício era pautado como centro das discussões. Nesse processo, os estudantes da residência criaram um centro de estudos, que se chamava Centro de Estudo Simão Bacamarte, por conta do personagem de Machado de Assis em “O Alienista”. Nesse grupo, eles estudavam temas que expandiam e colocavam em xeque aquilo que se aprendia academicamente pela via oficial-institucional. Embora cumprissem as obrigações institucionais, no resto do tempo, traziam para debate aquilo que o IPUB não oferecia, lendo de Freud a Roger Bastide.

A “casa” era, além de tudo, uma comunidade alternativa de pensamento político, ideologicamente vinculada à luta democrática e de oposição ao regime civil militar vigente. O final da década de 1970 era um período de muita incerteza e medo, pois se sabia de inúmeros companheiros sumidos por conta da repressão, muitos dos quais que tinham ligação com o PCB, que era clandestino, já que o contexto histórico não previa a possibilidade de organização em partidos políticos legais. Neusa se filiou, nessa época, à Convergência Socialista, grupo político de inspiração trotskista, fundado no ano de 1978, vinculado à Liga Operária, e que já trazia a pauta racial como parte da luta pela democracia e anticapitalista – enquanto que o resto da esquerda era mais dogmática e desconsiderava a relevância da questão do racismo. Depois, com a reabertura política e a

Anistia, os partidos se reestruturaram, e os grupos que eram clandestinos se espalharam, se diluíram ou viraram novos partidos. Uma parte desse pessoal foi para o PMDB, outros para o PDT. Foi também a época de formação do Partido dos Trabalhadores. Neusa se engajou com o surgimento do PT com entusiasmo. Apoiava, fazia campanha e distribuía panfletos na porta do cinema. Nunca se filiou propriamente ao partido, mas era uma simpatizante fervorosa, o que perdurou durante toda a sua vida.

Entre 1977 e 1979, ela frequentou a associação psicanalítica Letra Freudiana, coordenada por Eduardo Vidal, um grupo de estudos sobre Freud, coordenado por Isidoro Americano do Brasil, e um sobre a Teoria das Ideologias de Althusser, coordenado por Gregório Baremlitt. Gregório estava fundando, naquela época, com mais oito psicanalistas, o Instituto Brasileiro de Psicanálise, na rua Visconde de Silva em Botafogo. O IBRAPSI foi uma iniciativa de alguns psicanalistas argentinos, que vieram para o Brasil durante a ditadura militar argentina, de abrir uma instituição de psicanálise mais abrangente. Era uma psicanálise menos ortodoxa, que não se fixava somente em Freud e Lacan, mas que construía interlocução com as teorias sociais e políticas. O grupo de estudos dirigido por Gregório Baremlitt, do qual Neusa participava, se propunha a discutir uma psicanálise voltada para o campo social. Ela construiu, a partir daí, uma forte ligação e transferência intelectual com Gregório Baremlitt. Não por acaso, o chamou para ser seu coorientador na pesquisa de mestrado.

No final da década de 1970, ela procurou fazer disciplinas fora do IPUB, buscando expandir o horizonte que aquele circuito hermético e acanhado da psicopatologia lhe oferecia. Ela cursou, por exemplo, a disciplina “Saúde Mental e Sociedade”, com a professora socióloga Neuma Aguiar, no IUPERJ (atual IESP), que se situava na rua da Matriz, em Botafogo. Nesse curso, ela estudou a sociologia das doenças mentais e do sistema de assistência à saúde mental no Brasil, se debruçando sobre a obra de Erving Goffman, com “Manicômios, Prisões, Convento”; “Medical Model and Mental Hospitalization”; e “Characteristics of Total Institutions”. Havia um crescente interesse de Neusa pela lente sociológica que estava atenta ao desenvolver da psiquiatria brasileira, sobretudo com olhar para o papel dos hospitais psiquiátricos, se aliando a pesquisadores que iam “além das paredes que simbolicamente têm localizado a especificidade da instituição psiquiátrica” (AGUIAR, 1978:27).

Nessa mesma época, por conta de muitos de seus amigos estarem inseridos na área da Medicina Social, ela começou a estudar com o professor Roberto Machado. A partir desse

encontro, alguns filósofos entraram no seu escopo de referência, como Deleuze, Guattari, Kant e Espinosa. Neusa acompanhou muitos dos cursos do Roberto no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, ao longo dos anos 80, especialmente os dos estudos foucaultianos. Ela e Roberto estabeleceram, através dessa troca, uma forte amizade que perdurou por décadas. Ao tomar conhecimento do trabalho “História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico”⁸ (1976/2011), Neusa chegou também em Jurandir Freire Costa – que tinha uma ligação intelectual com Roberto Machado. Foi com o contato desse material, que Neusa o chamou para prefaciar a transformação de seu trabalho de mestrado em livro. Depois, os dois se encontraram nos anos 1980, no trabalho do Centro Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro. A partir daí, começaram um grupo de estudos sobre as teorias de Habermas sobre o inconsciente. Era um grupo que unia filosofia, ciências sociais e psicanálise. Jurandir sempre se utilizou da psicanálise para discutir questões socioculturais, dessa forma, ele e Neusa foram cada vez mais desenvolvendo uma afinidade intelectual.

Grande parte de sua bagagem intelectual e teórica foram fundamentadas, por vários lados, durante esses anos do processo de sua formação no IPUB. Mas, na universidade propriamente dita, não se alcançavam essas referências e havia um limite para a permeabilidade das discussões sociais, políticas e filosóficas. Acessava-se muito pouco, na formação acadêmica strictu sensu, às experiências no horizonte da Reforma que aconteciam no mundo. Mas eram discussões que circulavam dentro e fora do campus entre os estudantes da residência estudantil e nos grupos de estudos e disciplinas que cursavam fora. Neusa acompanhava todas as ondas da Reforma, apesar de não participar diretamente e politicamente do processo, mas esteve muito atenta a este circuito de debates. Um momento significativo foi quando ela esteve presente no Encontro Internacional da Rede Alternativas à Psiquiatria, realizado em Belo Horizonte, em 1977⁹. Em 22 de agosto de 1978, também participou da assembleia que reuniu médicos, enfermeiros, psiquiatras, psicólogos e uma série de atores da saúde que se posicionavam à esquerda, para discutir a conjuntura política nacional e elaborar propostas de ação para a categoria através de um manifesto político, que ocorreu na ABI. A área da saúde pública estava reivindicando direitos e lutando para embarreirar a exorbitante quantidade de horas

⁸ “História da psiquiatria” tratava sobre a chegada da Liga Brasileira de Higiene Mental, a partir dos anos 1920, que reunia psiquiatras influenciados pelos ideais alemães nazistas, norteados pelos princípios da eugenia.

⁹ Anterior ao histórico Congresso Mineiro de Psiquiatria, de 1979, que teve a presença de Franco Basaglia.

de trabalho dos profissionais de saúde e pelo fim de práticas médicas e psiquiátricas retrógradas, como a lobotomia. Nesta ocasião, Neusa conheceu Marilma Barbosa e Astrogildo Esteves Filho. Marilma também era psiquiatra e Astrogildo estava fazendo a cobertura jornalística da assembleia para o *Versus*, importante veículo da imprensa revolucionária de oposição ao regime, implicada na difusão da luta democrática e pelos direitos civis, que foi fundamental no fortalecimento do debate sobre o racismo no Brasil. Nesta época, o jornal mandava membros de sua equipe tomar nota das ações e reuniões políticas que ocorriam no país, que se transformavam em publicações que cobriam o movimento sindical.

E então, nessa reunião na ABI, que reuniu uma grande quantidade de pessoas, a gente precisava cobrir isso de um ponto de vista jornalístico, já era jornalista, já trabalhava com jornalismo, eu fazia o trabalho de interno, com redação, reescrever matéria, não podia estar presente nas manifestações, em decorrente da minha condição. Eu estou narrando isso, porque aí que vai se dar o meu encontro com a Neusa, ou melhor dizendo, na realidade, quando termina essa assembleia, que eu fico de longe assistindo, e o pessoal faz a cobertura, toma nota das ações e depois eu vou escrever isso, esse material para o *Versus*. O *Versus* tem algumas publicações em que alimentavam o movimento sindical, que cobriam o movimento sindical. Quando termina essa grande assembleia, em outubro, o pessoal que tava comigo me apresenta três médicos negros, três médicos negros, isso me chamou muita atenção, eu fiquei assim extremamente empolgado com isso. Um era o Pedro Silva, a outra era Marilma Barbosa e Silva – eles não tem nenhum parentesco, e a outra era Neusa Santos. É assim que eu conheço eles, que eu conheço ela em particular. Com o passar do tempo, a gente acaba se encontrando em outras ocasiões, e eu fico muito envolvido com essas três pessoas, envolvido do ponto de vista de discussões políticas, naquele momento era só isso. Nessa ocasião, a Neusa já estava fazendo a tese dela e ela tava fazendo um processo de pesquisa, ela tava entrevistando pessoas, negros, para contar suas histórias de vida para a tese dela Tornar-se negro. Bom, eu fiz de tudo o possível e o impossível, que eu não poderia dar entrevista para ela, tinha muito receio, medo que acabaria me expondo e ao me expor, expor também a ela e outras pessoas. Quando você tá na luta política você, a primeira coisa que você tem que fazer é garantir a sua segurança e a segurança dos que estão em volta de você sejam preservadas. Então, apesar da insistência dela eu não dei [a entrevista]. Ela ficou muito chateada, porque a maneira como eu defendia as minhas ideias, falava da luta contra o racismo, falava das experiências que ocorria em São Paulo e no Brasil, e as informações que eu tinha dentro da organização, estimulava ela, aguçava a curiosidade dela.

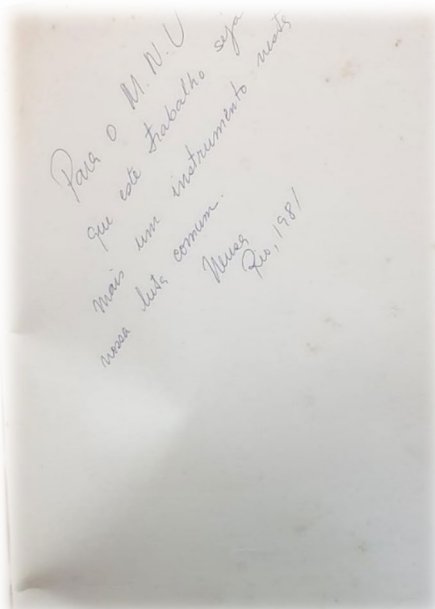
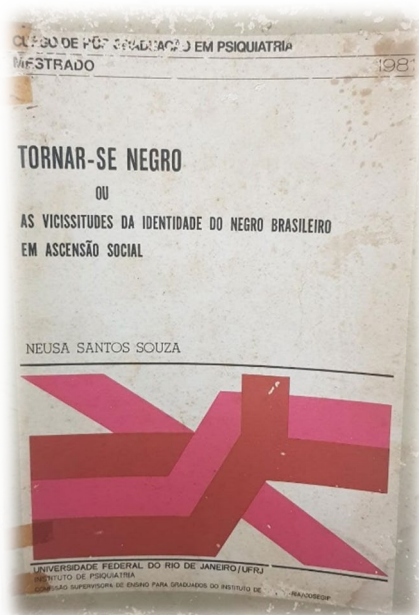
Mesmo assim, eu não dei a entrevista para ela. A gente conversou muito, discutiu muito, e, nesse processo, ela começa a participar do MNU aqui no Rio. No Movimento Negro Unificado no Rio de Janeiro. (ESTEVES FILHO, 2021)

O surgimento do MNU, em 1978, traz uma mudança de qualidade política para a história do movimento negro no Brasil, porque, por um lado, denunciava diretamente a ditadura e a violência policial e, por outro, levantava a bandeira para libertação de Mandela e apoiava a luta dos povos africanos contra o regime Salazar. O MNU representava uma inflexão histórica na organização política negra nacional, envolvendo a participação de importantes estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas e Bahia. Neusa e Marilma conheceram o MNU através de Astrogildo e começaram a participar desde o início da sua estruturação no Rio de Janeiro. O MNU era organizado em grupos de trabalho, e as atividades eram separadas por categoria profissional. Existia o GT da saúde, e ali se reuniam médicos, enfermeiros, psiquiatras e várias especialidades desse ramo. Cada núcleo tinha que escolher alguém que iria dirigir o grupo. Neusa nunca aceitou ter um cargo na organização do MNU, e acabou sendo Marilma a diretora do GT da saúde. Como militante do MNU Neusa tinha o seguinte perfil: participava das reuniões de seu GT, contribuía de diversas formas (inclusive financeiramente), mas não assumia cargos específicos. Ela não queria se fixar, se limitar ou se tornar uma tarefeira da organização política, sem poder se posicionar criticamente à própria organização. Ela visava outro caminho, mais autônomo e aberto a poder investigar outras possibilidades. E também queria dedicar seu tempo sobretudo aos estudos, à psiquiatria e à psicanálise.

Nesse período, Neusa estava muito envolvida com a pesquisa do mestrado. Seu trabalho de conclusão dos quatro anos de mestrado em psiquiatria foi uma tentativa de dar conta da problemática do racismo, tanto em termos pessoais, quanto psicanalíticos, e buscar situar essa questão num esquadro mais amplo em termos sociais, culturais e políticos. O livro representava o marco de seu encontro com o movimento negro nos anos 70 e, ao mesmo tempo, o marco de sua aproximação com a psicanálise. Ao longo da pesquisa, ela ficou cada vez mais fascinada por Freud, e com o manejo dos conceitos de Eu Ideal e Ideal do Eu, o que a levou a construir o pensamento de que não existe um Ideal do Eu negro numa sociedade racista como a nossa. A tese foi emergindo com o seu questionamento sobre o sofrimento que negros e negras experimentavam, que não tinha nenhum lugar dentro da psiquiatria, nem como um transtorno ou patologia, nem como

possibilidade de cura e acolhimento. Por esse motivo, ela encontrou algumas barreiras e resistências em prosseguir com este trabalho em um instituto como o IPUB.

Ela vivenciou alguns atritos com o seu orientador, José Otávio de Freitas Junior, que era um professor já aposentado do Instituto, mas, ao mesmo tempo, encontrou nele uma abertura pra tratar de um tema absolutamente incomum nas teses defendidas na instituição. Tema recorrente era analisar os efeitos do Domperidona e do Diazepam na esquizofrenia ou na depressão. Neusa sustentou o desafio de assumir um estudo, na área da psiquiatria, sobre as consequências psíquicas de ser negro em ascensão no Brasil, levando adiante a pesquisa, apesar de todas as desavenças com o orientador e com a instituição. Ao defender sua tese, em 1981, sua primeira iniciativa foi imprimir alguns exemplares e distribuir entre o pessoal do MNU com dedicatória.



1. Exemplar original da tese de mestrado de Neusa Santos Souza, defendida no IPUB/UFRJ em 1981. Fonte: Acervo Familiar Bernardino Esteves & Barbosa e Silva.

As referências sobre a temática racial eram bem limitadas à época no Brasil. Por isso, a literatura que ela vai buscar para escrever este trabalho provém tanto dos grupos de estudos que ela participava, quanto dos textos que circulavam no movimento negro no período. No final dos anos 1970, a bibliografia em circulação entre ativistas do movimento negro incluía autores negros como Frantz Fanon, Samora Machel, Amílcar Cabral, Anta Diop, Stokley Carmichael, DuBois e Césaire, bem como aqueles vinculados ao materialismo dialético como Marx, Engels, Lênin, Trotsky e Althusser. Dos brasileiros, lia-se Otávio Ianni, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira e Carlos Hasenbalg.

A partir desse caldo de referências que ela tem contato, Neusa consegue se apropriar e criar um diálogo entre Freud, Foucault, Fanon, Althusser e os sociólogos paulistas no seu trabalho. Frantz Fanon era muito mais conhecido, no movimento negro, pelo livro *Os condenados da terra* do que por *Pele negras, máscaras brancas*, que vai aparecer como uma das principais bases teóricas de *Tornar-se negro*. Não se sabe ao certo como Neusa chegou a esta obra de Fanon, se através de Gregório Barenblitt ou do próprio movimento negro, mas durante o período da pesquisa ela escreveu uma carta para Antônio Nery Filho, seu amigo de Salvador, lhe pedindo para lhe enviar, por correio, um exemplar de “Peau noire, masques blancs”, em francês. É curioso que, na dissertação, ela acaba utilizando a versão em espanhol, “Escucha blanco!”, de 1970. De toda forma, ela teria sido a primeira pessoa na psiquiatria e psicanálise brasileiras a trazer este trabalho de Fanon para a cena.

Para publicar *Tornar-se negro*, transformando a dissertação em livro, dois anos depois da defesa, Neusa escolhe um local nada banal. Nos anos 1980, o Instituto das Pesquisas das Culturas Negras era um centro fortíssimo de combate ao racismo e de muita ebulição política, que tinha sede na Rua Mem de Sá, na Lapa, no Centro do Rio de Janeiro. O IPCN agregava várias frentes do movimento negro e servia de espaço de reunião e atividades de entidades negras que não tinham sede. Vários grupos e organizações se reuniam ali assiduamente, a exemplo da Sociedade Intercâmbio Brasil-África, uma das organizações que assinou a carta de fundação do MNU e editava um jornal que teve bastante impacto na divulgação do ideário racialista e antirracista. O IPCN contava com a presença de intelectuais como Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento, que frequentavam algumas das reuniões e dos debates que ocorriam ali voltados para formação na luta antirracista. Várias das grandes passeatas e protestos eram organizadas ali no IPCN, como a histórica “Marcha dos negros contra a farsa da Abolição”, realizada em 11 de maio de 1988, na avenida Presidente Vargas, que sofreu forte repressão do comando militar. O local reunia uma militância engajada e com o pique característico da juventude, que ficava às vezes até altas horas da noite discutindo quais seriam os próximos passos e como iriam articular as ações com outros seguimentos. Se cultivava ali um sentimento de estar construindo um propósito sólido contra a discriminação e a desigualdade racial. Quando Neusa apareceu por lá, no início de 1980, ninguém poderia supor que tinha alguém no Rio de Janeiro, no campo da psiquiatria, estudando a questão do negro.

Então, propriamente, a Neusa foi assustador, porque a gente tem que deslocar o pensamento e dizer “Ué, como assim? Ela é tão jovem quanto nós e ela já é

médica formada, tá na psiquiatria e está vindo para esse outro campo, desafiando tanto a parte da psiquiatria, quanto a parte da psicanálise, da psicologia. E já escreveu um livro e já vai publicar. E ela acha que o melhor lugar é aqui?”. Porque foi ela que disse isso tudo pra nós, entendeu? Ela disse isso. “Mas por que que você tá aqui?”. Tem a cena, a Cecília (Luiz de Oliveira) lembra, eu também não sei se ela lembra. Ela já falou numa conversa com velha guarda, que lembrava mais ou menos e tal. Então, a Cecília chega, olha e ela tá organizando: “Tem que pegar os jornais, conta, porque cada um vai passar aqui, vai levar 10 pra um lugar, pro outro”. Tem um monte de coisa que a gente só tem ali pra fazer e aquela moça insistindo em olhar pra nós e ficar conversando conosco explicando. “Cecília, por favor, conversa um pouquinho com ela”. É um negócio meio machista, é uma coisa deselegante. Não é legal isso. Porque, de fato, a gente não imaginava que fosse aquilo. Daqui a pouco a Cecília bate na porta e “Temos que parar e conversar com essa moça”, a Neusa. “Pode falar, Neusa”. Aí foi um impacto pra nós. Aí pessoalmente, tanto Igor quanto eu, Cecília, ficamos muito chocados. Convidamos a Neusa. Ela devia fazer, pelo menos uma por mês. Mas a gente pode ter feito, assim, três no mês, fora conversas por fora que ela fazia. Sempre assim. Discutindo, aí não é mais o livro, é a visão dela sobre o problema do racismo no Brasil. O livro todo mundo leu rápido, porque lançou, vendeu rápido, não tinha PDF, você tinha que comprar mesmo. A leitura foi muito rápida, porque era uma militância muito ávida. Não tinha essa oferta que tem hoje. O que caiu agora, é essa moça, tá aqui na nossa frente o livro dela, você vai ficar até 4h, 5h da manhã lendo, porque não tem muita coisa, ainda mais com a presença dela, que era uma presença, né. Ela é uma pessoa que tem tudo pra passar despercebida. Ela era magra, não era o tipo beleza, estética, não era nem muito baixa, nem muito magra, e, no entanto, ela tinha uma presença. Então, e aí foi uma sucessão de diálogos. E isso acelerava tudo. Porque a gente tinha, nesse início, 80 e poucos, tínhamos feito um Ciclo de debates Questão Racial. Sei que era uma semana foi Partido Político e Questão Racial e aí vieram uns 4, 5, partidos na época. Na outra semana era Feminismo e Questão racial, Indígena e Questão Racial. A Neusa participou de muitos desses. Mas aí ela ficava na dela, porque, como boa psicanalista, ela ouvia. Ela era de ouvir. Ela ouvia e todo mundo ficava esperando ela falar, ela não falava. (PEREIRA, 2022)

No dia do lançamento do livro no IPCN, em 08 de julho de 1983, Cecília Oliveira arrumou e enfeitou o salão principal com folhas de chita para a palestra de Neusa, que falaria do livro e depois autografaria os exemplares. O pessoal do movimento negro estava bastante satisfeito dela ter escolhido ali como local de lançamento daquele trabalho. Ficaram tomados pela convicção que ela tinha ao dizer: “É aqui. O lugar desse livro é aqui. O

lugar desse pensamento é aqui. Aqui no meio negro de luta!”. E o lançamento foi um sucesso, encheu o casarão de lideranças importantes como Lélia Gonzalez, Amauri Mendes Pereira, Cecília Luiz de Oliveira, Ivanir dos Santos, Suzete Paiva, Yedo Ferreira, Azoilda Loretto Trindade, Orlando Fernandes, Adélia Azevedo, Abigail Páscoa, Januário Garcia e Aderaldo Moreira dos Santos. Jorge Cândido da Luz Francisco da Costa, conhecido como Jorge D’or, uma personalidade do movimento negro no Rio, também havia vindo por ocasião do lançamento. Aquele foi um dia memorável e de muita emoção para muitos ali, ao presenciar uma jovem baiana, que tinha escrito sobre as emoções das mulheres e dos homens negros na sociedade brasileira. O livro de Neusa representava um eco para o que a população negra sentia e que não havia até ali um enquadramento acadêmico nem uma perspectiva de acolhimento e escuta. A importância que era, naquele momento, em plena ditadura, e com uma literatura escassa disponível voltada para as questões do negro, uma obra escrita de negros para negros, visando a auto compreensão.

2. Lélia Gonzalez e Neusa Santos Souza no IPCN, lançamento de “Tornar-se negro”, 1983. Acervo pessoal da autora.



O lançamento inaugurou um período de reuniões contínuas no IPCN para discutir a pesquisa e as ideias de Neusa. A sua presença se estendeu durante alguns meses no espaço, coordenando encontros, que ocorriam, de duas a três vezes ao mês, às vezes toda semana. Ela se empenhou em promover esses encontros, porque eram debates muito calorosos que aconteciam, que atraíam inúmeras pessoas que vinham às vezes de longe para conhecer o seu trabalho. Era tanta coisa diferente que acontecia no IPCN em prol da luta antirracista, mas uma discussão sobre as emoções e sobre a possibilidade de amparo para o sofrimento que se vivenciava entre os negros era totalmente inédito. Foram semanas de mobilização permanente de pessoas que vinham para ver ela falar de

psicanálise e racismo. Em um desses encontros, dentre as mulheres ativistas que a ouvia falar sobre sua pesquisa, estava Pedrina de Deus. Pedrina foi uma das principais articuladoras do Movimento de Mulheres Negras no Brasil, antes de existir esse nome. Em dado momento, escutando Neusa, Pedrina disse: “Os companheiros, os colegas, os amigos vão nos perdoar, mas, agora, nós mulheres vamos subir e vamos ficar lá em cima. Agora é a vez só nossa. Tudo bem, Neusa?”. Ela deu um sorriso e disse: “Ah, contava com isso!”. E naquela conversa, entre Neusa e outras mulheres negras no IPCN, nunca ninguém soube realmente o que ocorreu ou o que foi discutido. Mas algumas horas depois, todas desceram, e Pedrina, muito emocionada, virou para Amauri Pereira e disse: “Cuidemos cada um de nós próprios, porque cada vez mais precisaremos cuidar um dos outros. Essa moça está ensinando a nós, o que não estamos sendo capazes de aprender: a necessidade de nos cuidarmos”.

O IPCN tinha um grupo de mulheres negras que levantavam o questionamento que o combate da luta contra o racismo não eliminava o machismo. O grupo se reunia todas às terças e quintas, mas as reuniões eram constantemente esvaziadas, porque o IPCN e outras entidades do movimento negro precisavam da sala e dos braços das mulheres negras para as tarefas “ditas” de mulher. Normalmente as lideranças eram masculinas e as mulheres viviam se impondo contra isso. “Vocês homens não estão vendo que vocês estão querendo que as mulheres tenham lugar de servir o café, lugar de arrumar, lugar de varrer, lugar de fazer comida para vender e arrecadar finanças para a organização... Enfim, lugares “femininos”? Vocês estão fazendo conosco o mesmo que os brancos fazem com todos nós!”, diziam aos companheiros. Desse movimento, nasceu a Reunião de Mulheres Negras Aqualtune, no final dos anos 70¹⁰, que agregou ativistas como Estela Costa Monteiro, Léa Garcia, Suzete Paiva, Azoilda Trindade, Irani Maia Pereira e Cecília Luíz de Oliveira. Pedrina era muito ligada com Neusa. Não se sabe se Neusa chegou a participar de alguma forma do Aqualtune, mas é fato que ela estava a par e tinha proximidade com o que era discutido ali. Elas discutiam por dentro da própria realidade de mulher negra, uniam raça e gênero, abordando temas como “expressões racistas e machistas”, “trabalho doméstico” e “estética negra” (SILVA & PEREIRA, 2014). Pretendiam fortalecer a consciência crítica e gerar conteúdo sobre a questão racial e

¹⁰ Depois em 1982, foi criado o grupo Mulheres Negras do Rio de Janeiro, que abrigava mulheres como Adélia Azevedo e Abigail Páscoa; e, em 1984, o Nzinga, fundado por Lélia Gonzalez.

feminina para desmistificar valores equivocados que a sociedade reproduzia sobre as mulheres negras.

No início dos anos 1980, um pessoal do IPCN ia para calçadas do subúrbio do Rio de Janeiro, em Madureira, Campo Grande e Nilópolis, aos sábados, com uma banca de madeira para vender cópias de livros significativos para o movimento negro. Nesse momento, um dos livros que mais distribuía era “Negro no mundo dos brancos”, de Florestan Fernandes, e “Tornar-se negro”, de Neusa Santos. Tinham uma banca que ficava também no Centro, entre o Amarelinho e a Câmara dos Vereadores. Era uma banquinha de madeira, com uma faixa no alto escrito: “A imprensa negra está botando banca”. E lá se colocavam livros de autores negros para a venda de baixo custo. Não existia PDF, e o pessoal queria ter acesso a Martin Luther King, Amílcar Cabral, Samora Machel, entre outras referências. Então, faziam cópia em mimeógrafo dos originais e vendiam a 2 reais. Desse trabalho, muita gente conheceu Neusa Santos Souza e seu pensamento acabou por circular bastante. Receberam também da editora Graal duas caixas, cada uma com 150 exemplares do *Tornar-se negro*, porque haviam vendido tudo que estava em estoque no IPCN. A editora não podia imaginar que eles iriam vender todos os livros. Mas o livro foi um sucesso. Chegou ao ponto de Ana Maria Felipe, importante liderança do feminismo negro brasileiro e esposa de Januário Garcia, pôde afirmar: “Quem não conheceu Neusa Santos Souza não é do movimento negro!”. O pensamento de Neusa estava nas ruas e na militância. E apareceu até mesmo em novela brasileira. Foi na “Louco Amor”, de Gilberto Braga, no ano de 1983, que o livro apareceu citado por Fábio Júnior, que fazia o papel de Luís Carlos Becker.

Na década de 1980, Neusa foi gradualmente se afastando da militância e se inclinando para o trabalho mais clínico em psicanálise. Aos poucos ela vai se distanciando do movimento de um ponto de vista bem objetivo, o que não representa necessariamente uma ruptura ideológica, mas porque ela tinha um projeto profissional que queria se dedicar integralmente. No entanto, as relações pessoais com os amigos que ela fez da militância, ela manteve por alguns anos. Muitas vezes ela organizava jantares em sua casa, em que cozinhava sua famosa moqueca baiana. Nessas ocasiões, ela continuava a nutrir discussões esfuziantes com seus amigos. Conversavam sobre política, intelectualidade, arte, cinema e psicanálise. Mas muito pouco sobre aspectos íntimos de sua vida. Um dia ela surpreendeu alguns amigos, ao se casar com Sérgio, um africano das Ilhas Canárias, que ela havia conhecido fazia pouco tempo, que acabara de retornar do

exílio, pelas ligações estreitas que mantinha com o Partido Comunista. Casaram no cartório, mas não fizeram festa nem grandes celebrações. Seu padrinho de casamento foi José Carlos Lima, amigo que Neusa tinha feito no IPUB. Este casamento não resultou em um bom desfecho. Durou poucos meses e a separação foi dolorosa e dura para Neusa. Depois, Sérgio e o tema do casamento se tornaram tabu, e ela se fechou para o assunto, mesmo entre seus amigos mais próximos.

Nesse época, Neusa ainda trabalhava como psiquiatra no hospital Pedro II. De 1978 a 1989¹¹, ela trabalhou no Centro Psiquiátrico Pedro II, atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, localizado no Engenho de Dentro. Para lá ela levou a sua experiência do trabalho no Ana Nery e as descobertas da pesquisa de mestrado. Se trabalhava em regime de plantões, porque o hospital estava com uma escassez de profissionais. Tinha alguns psiquiatras e alguns nichos de trabalho, como, por exemplo, o de Nise da Silveira, que pretendiam propor uma psiquiatria mais humanizada. Mas eram muito localizados e pontuais, e não alteravam amplamente a realidade repressora da estrutura do hospital. Ali acabava se configurando como um depósito de doentes mentais e de indivíduos patologizados pela pobreza e pela cor.

Eu fui pro Engenho de Dentro. A Neusa também foi pro Engenho de Dentro. Mas era insuportável, era insuportável. A gente trabalhava em regime de plantões, porque como os hospitais tavam sem profissionais e era um depósito de doentes, tinham alguns trabalhos, alguns nichos de trabalho, que eram circunscritos e que não alteravam a realidade repressora do hospício, como, por exemplo, o trabalho da Nise da Silveira, mas eram um nichozinho, uma coisa localizada ali. Mas não alterava a realidade das cinco unidades hospitalares profundamente repressoras. Eu me lembro de plantões em que chegava essa hora da noite, um pouco mais tarde tipo nove, dez horas, da noite, e chegava o camburão da polícia e eles despejavam, despejavam é a palavra exata, despejava um monte de... oito, dez pessoas. A gente não sabia exatamente do que se tratava, eram mendigos, pobres, presos na rua, bêbados, doentes mentais também, enfim. Aí todo mundo cheio de ferida, já tinham apanhado, já tinham sido feridos, cheios de esfoliações, enfim. E chegava e não adiantava dizer que não. E eles queriam deixar jogados na porta. Isso era o ano de 78, por aí. Eu lembro de um plantão desse em que o chefe da viatura lá, sei lá, cabo, sargento, sei lá o que, eu disse que não podia, porque uma das

¹¹ Segundo informações fornecidas pelo Centro de Documentação e Memória do Instituto Municipal Nise da Silveira, Neusa Santos Souza, teve admissão no CPPII em 20 de novembro de 1978 e solicitou rescisão de contrato em 07 de julho de 1989, dispensada em 30 de junho de 1989, segundo publicado em Diário Oficial de 20 de outubro de 1990.

pessoas que estavam lá, estava muito ferida, precisava ir pra um Pronto Socorro Geral pra fazer sutura, ser atendido. Eu falei que a gente não tinha recurso pra isso, era um Pronto Socorro Psiquiátrico. E aí ele imediatamente ligou lá pra central, pro chefe dele, sei lá quem, pro delegado, não sei. “Ele falou que tem que ficar aqui e tal. O senhor fala com ele no telefone”. Então, a coisa era um pouco bruta. E a Neusa pediu demissão. Não me lembro quanto tempo agora quanto tempo depois. Ela pediu demissão. E era uma situação, naquela época, sem emprego, sem dinheiro, sem coisa nenhuma, era preciso ter coragem. E ela tinha. Ela tinha. E é uma coisa curiosa. Ela contava isso com certo humor. Que ela foi pedir demissão ao diretor e ele disse “Mas, minha filha, como é que você vai pedir demissão? Isso aqui é um órgão público, você recebe seu dinheiro no final do mês, tem toda segurança. Como é que você vai fazer?”. E, bom, tinha essas coisas e ela disse “Não sei, mas eu não quero ficar aqui. Isso aqui não me convém”. (LIMA, 2021)

Logo após sua saída, houve uma demissão em massa no hospital por motivos políticos. Não se pode esquecer que lá estava também Jurandir Freire Costa, Benilton Bezerra e outros baluartes da Reforma Psiquiátrica, que já estava começando a acontecer no Brasil. Talvez se Neusa tivesse permanecido, ela própria poderia ter sido demitida, pois, ao longo de sua experiência no Pedro II, muitas vezes criava conflito com a diretoria do hospital, pela posição que ela sustentava com os pacientes, recusando a tratá-los como menos do que um sujeito.

A saída da militância negra, no final dos anos 1980, leva Neusa também a um afastamento do tema do racismo e da negritude, à nível teórico. Ela volta-se para o tema das psicoses, pensando a clínica psicanalítica no trato com pacientes psicóticos, interesse que a sustenta até o fim de sua vida, com uma produção não dispensável de livros e artigos, e com a participação em inúmeros congressos e seminários de psicanálise. Os anos 1990 em diante demarcam uma verdadeira passagem para um novo percurso psicanalítico de orientação lacaniana, deixando para trás as inflexões para as discussões raciais e a vertente fanoniana. Os últimos registros de sua participação em eventos que levavam este debate adiante foi um trabalho sobre Fanon que ela apresentou no Congresso da Associação Mundial de Reabilitação Psicossocial, em Salvador, em 1980; e, em 1985, quando ela ministrou uma palestra no curso “Conscientização da Cultura Afro-Brasileira”, do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros, no Rio de Janeiro, com a presença de personalidades intelectuais negras, como Lélia Gonzalez, Beatriz

Nascimento, Helena Theodoro, Abdias do Nascimento, Ney Lopes e Muniz Sodré (PENNA, 2019).

De certa forma, este momento formou quem ela se tornou como intelectual e psicanalista. Outros dizem que foi nesse período também que ela se “tornou negra”. Pois é um período de desconstrução de paradigmas, de consciência social, de muita militância política, e de um despertar para o letramento racial. O contato com inúmeras lideranças negras como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, e a própria experiência no movimento negro, provocou Neusa a ter contato com referências e novas visões sobre África, diáspora africana e positividade da identidade étnico-racial. Seu cabelo, que sempre foi um cabelo autêntico, crespo, passou a ganhar forma de um penteado de resistência, de estética da negritude. No MNU, a vaidade negra estava em voga. Os salões de beleza afro se tornavam ponto de encontro de muitos ativistas do movimento negro. Neusa foi vista diversas vezes no Afonjá, cabeleireiro voltado para os cabelos crespos e cacheados. Ficava ali na Siqueira Campos, em Copacabana. Era o ponto de encontro da negritude em ascensão, onde iam intelectuais, artistas e militantes. Abdias do Nascimento, Carlinhos Brown, Lélia Gonzalez, Zezé Motta, Januário Garcia... Todo mundo frequentava esse salão. O salão era um lugar de troca de informações do que estava fervendo no movimento negro. E ali era onde beleza negra acontecia. A exuberância black! A negrada abusava dos penteados hiper-sofisticados, trocavam de cabelo às vezes duas vezes no mês. Na época, era o único salão de beleza no Rio a fazer trançagem. Foi lá que Neusa fez suas primeiras tranças nagôs, e, mais tarde, o penteado afro à la Grace Jones, que ela adotou pelo resto de sua vida e que se tornou uma marca de sua estética e presença.

Neusa, naquele momento, estava muito engajada e se deixava atravessar pela marca da negritude. Sua primeira viagem para fora do país, logo depois que defendeu a sua tese de mestrado, foi para o Senegal. Ela não foi para a Europa ou para os Estados Unidos como muitos de seus colegas iam, ela foi para um país africano. Decidiu ir para onde ela poderia dar lugar para esse sentimento de busca pela tradição africana, de ligação mais atávica com suas raízes – raiz não biológica, mas raiz anímica, espiritual, ancestral. Ela carregava muito forte este desejo naquele momento, em tempo em que a busca pela África não era óbvia nem comum entre os negros no Brasil. Nessa viagem, ela ficou efetivamente impressionada com os aspectos da cultura senegalesa que eram desconhecidos entre nós: a cozinha, os hábitos, os costumes, os tecidos, as roupas, os gestos, o psicológico, o tempo social, os cantos, o modo de relacionamento... O único registro desta viagem é um cartão

postal, que ela enviou de lá do Senegal, para seu casal de amigos do MNU, Astrogildo e Marilma, contando suas descobertas:



3. Postal enviado em 1982, do Senegal, por Neusa Santos, para seus amigos Marilma Barbosa e Astrogildo Esteves Filho. Fonte: Acervo Familiar Bernardino Esteves & Barbosa e Silva.

Considerações finais

A perda dá origem ao anseio e, nessas circunstâncias, não seria exagerado considerar as histórias como uma forma de compensação ou mesmo como reparações, talvez o único tipo que nós iremos receber. Como uma escritora comprometida em contar histórias, eu tenho me esforçado em representar as vidas dos sem nomes e dos esquecidos, em considerar a perda e respeitar os limites do que não pode ser conhecido. Para mim, narrar contra-Histórias da escravidão tem sido sempre inseparável da escrita de uma História do presente [...]. Conforme eu a entendo, uma História do presente luta para iluminar a intimidade da nossa experiência com as vidas dos mortos, para escrever nosso agora enquanto ele é interrompido por esse passado e para imaginar um estado livre, não como o tempo antes do cativo ou da escravidão, mas como o antecipado futuro dessa escrita. (HARTMAN, 2020:17)

Falar de memória coletiva negra é falar da contaminação do presente pelos precipitados de experiências violentas e brutais, da irreparabilidade do trauma da escravização, e da incatização de feridas que insistem em não desaparecer (BISPO, 2023). É encontrar, na absoluta singularidade de cada experiência negra, o elo que costura as vidas dos mortos com as dos “sobreviventes” (HARTMAN, 2020). Por outro lado, é também falar de histórias de lutas, resiliências e invenções, é escrever o presente como contra-História da outrificação, é imaginar um futuro de um estado livre sem “máscaras” e sem racialização

(KILOMBA, 2019; HARTMAN, 2020). Assim, é pensar como o presente é incessantemente invadido pelo passado, mas também como o agenciamento do/no tempo produz reescrituras de histórias (e da História), tecituras de memórias e um devir de experiências presentes e futuras.

Essa escrita procurou refletir o resultado de um trabalho de levantamento e produção de dados biográficos sobre Neusa Santos Souza, que até hoje permaneceram no campo de invisibilidade, assumindo, porém, os limites encontrados no processo de investigação e as lacunas que permanecem existentes. Assim como pontuam Alex Ratts e Flávia Rios a respeito do trabalho biográfico organizado sobre outra intelectual negra brasileira, Lélia Gonzalez, reconheço que “contar a história de uma pessoa negra, especificamente de uma mulher negra, nos coloca na delicada posição de, tomando emprestadas as palavras de Jorge Luis Borges, ‘avaliar o perímetro dos vazios e das lacunas’” (2010:13). Nesse sentido, sublinho a responsabilidade histórica, política e epistêmica contida no trabalho de transmitir a história de vida de uma intelectual negra brasileira (SANTANA, 2021; RATTS, 2006; RATTS & RIOS, 2010). Buscando tensionar a interpretação de que uma biografia nos comunica apenas a respeito do sujeito biografado, contraponho-me à perspectiva eurocêntrica e colonial que desmerece o lugar do texto biográfico nas possibilidades analíticas para se interpretar o social. No contexto da trajetória de uma mulher negra, sustento a importância redobrada em reconhecer a impossibilidade de desmembramento do sujeito de seu coletivo histórico, pensado enquanto “comunidade negra”. Por “comunidade negra” não vislumbro algo essencial ou irredutível, mas um grupo historicamente forjado a partir de experiências vividas que se comunicam através de uma história compartilhada de desenraizamento e de violência antinegra (CÉSAIRE, 2010; FANON, 2008; MBEMBE, 2018; SANTOS SOUZA, 1983/2021).

Na medida em que ler uma produção negra deveria ser sempre acompanhada de uma atenção para o sujeito por detrás da obra (ALMEIDA, 2021), encaro as possibilidades que emergem das múltiplas leituras sobre quem foi Neusa Santos Souza, em sua humanidade e irredutibilidade, como pertencente ao universo das preocupações político-epistêmicas antirracistas, de(s)coloniais e feministas, às quais essa escrita tem o compromisso em se vincular. Aqui pretendi oferecer um retrato político-biográfico, ainda que inacabado, incompleto e insuficiente, de (fragmentos e versões) de Neusa Santos Souza, assumindo a incapacidade de representar essa figura em sua complexidade e grandiosidade.

Termino com Saidya Hartman, que nos apresenta que a necessidade em tentarmos representar o que não podemos deve ser acolhida e mergulhada em uma prática de “resignação entusiasmada”, ou seja, “a experiência de uma certa impossibilidade, que incita o entusiasmo” (HARTMAN, 2020:33). Cujas tentativa é de que, nesse caminho narrativo, ainda que falhemos na capacidade de representar uma vida negra, ao menos sejamos capazes de captar a beleza criada e de escutar o ruído negro que ecoa do navio negreiro (Idem).

Referências:

- AGUIAR, Neuma. Hospitalização Autoritária. *Dados*, Rio de Janeiro, 19: 27-45, 1978.
- ALMEIDA, Mariléa de. “Racismo acadêmico e seus afetos”. *História: Questões & Debates*, Curitiba 69(2): 96-109, jul./dez. 2021.
- BAIROS, Luiza. “Lembrando Lélia Gonzalez 1935-1994”. *Afro-Ásia*, n. 23, 1999.
- BISPO, Fábio. “Cicatrizes da escravização: corpo social e corpos singulares”. In: GUERRA, A. *et al. Ocupar a psicanálise: por uma clínica antirracista e decolonial*. [Coleção Decolonização e Psicanálise]. São Paulo: n-1 Edições e PSILACS, 2023.
- CARNEIRO, Sueli. “A mulher negra na sociedade brasileira – o papel do movimento feminista na luta anti-racista”. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). *História do negro no Brasil*. Vol. 1. O negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição. Brasília: Fundação Cultural Palmares/MinC, 2004. Pp. 286-336.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre a negritude*. Belo Horizonte: Mandylala, 2010.
- CHERKI, Alice. *Frantz Fanon: a portrait*. Cornell University Press, 2006.
- COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- COSTA, Jurandir Freire. “Da cor ao corpo: a violência do racismo”. In: SANTOS SOUZA, Neusa. *Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. Pp. 23-44.
- COSTA, Jurandir Freire. *Da cor ao corpo: Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

- COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico* (1976). Editora Garamond, 2011.
- DIAS, J.; SILVA, M. L. “Por uma clínica interventiva contra o racismo”. In: SILVA, M. L. *et al. Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro*. São Paulo: Escuta, 2018.
- DOMINGUES, P. “Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos”. *Tempo*, 12: 100-122, 2007.
- ESTEVES FILHO, Atrogildo. Entrevista realizada durante a pesquisa “Tornar-se Neusa: raça, subjetividade e memória a partir da trajetória e obra de Neusa Santos Souza” (2020-2024). 27 de setembro de 2021. Duração: 02h06m. Transcrição: Nicolas Pustilnick.
- FACCIO, Luiza. “Um, nenhum e cem mil: o pensar sobre o ‘eu’”. In: *Literatura Italiana Traduzida*, 1(3), março 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/209905>.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. *Frantz Fanon: Um Revolucionário Particularmente Negro*. Ciclo Contínuo Editorial, 2018.
- GOMES, Janaína D. *Os segredos de Virgínia: Estudos de Atitudes Raciais em São Paulo (1945-1955)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2013.
- GONZALEZ, Lélia. “O movimento negro na última década”. In: GONZALEZ, Lélia & HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.
- HARTMAN, Saidiya V. “Vênus em dois atos”. *Revista Eco-Pos*, 23 (3), 2020.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LIMA, José Carlos Souza. Entrevista realizada durante a pesquisa “Tornar-se Neusa: raça, subjetividade e memória a partir da trajetória e obra de Neusa Santos Souza” (2020-2024). 25 de outubro de 2021. Duração: 01h10m. Transcrição: Letycia Mattos.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- OLIVEIRA, Eduardo Oliveira. “Uma quinzena do negro”. In: ARAÚJO, Emanuel (Curadoria). *Para nunca esquecer: negras memórias, memórias de negros*. Brasília, Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 2001.
- OLIVEIRA, Regina Marques S. “Cheiro de alfazema: Neusa Souza, Virgínia e racismo na psicologia.”. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, 72 (no.sp.): 48-65, 2020.

- PENNA, William Pereira. *Escrevivências das memórias de Neusa Santos Souza: apagamentos e lembranças negras nas práticas PSIS*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia. Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2019.
- PEREIRA, Amauri Mendes. Entrevista realizada durante a pesquisa “Tornar-se Neusa: raça, subjetividade e memória a partir da trajetória e obra de Neusa Santos Souza” (2020-2024). 22 de junho de 2022. Duração: 01h42m. Transcrição: Letycia Mattos.
- PIRANDELLO, Luigi. *Um, nenhum e cem mil*. Penguin-Companhia, 2023.
- PRESTES, Clélia R. S. “Não sou eu do campo psi? Vozes de Juliano Moreira e outras figuras negras”. *Revista da ABPN*, 12: 52-77 (Ed. Especial. Caderno Temático: “III ANPSINEP - Articulação Nacional de Psicólogos/os Negras/os e Pesquisadoras/es), outubro de 2020.
- RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- RATTS, Alex; RIOS, Flavia. *Lélia Gonzalez*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- SANTANA, Bianca. *Continuo preta: a vida de Sueli Carneiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- SANTOS SOUZA, Neusa. “O estrangeiro: nossa condição”. In: KOLTAL, C. (Org.) *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, FAPESP. 1998. Pp. 155- 163.
- SANTOS SOUZA, Neusa. *Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- SANTOS SOUZA, Neusa. *A Psicose: um estudo lacanian*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Biografia como gênero e problema”. *História Social*, 24: 51-73, 2013.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto-triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SILVA, Joselina; PEREIRA, Amauri Mendes (Org.). *O movimento de mulheres negras: Escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Nandyala, 2014.
- VANIN, Iole Macedo. “Formação, atuação e produção intelectual das médicas da Faculdade de Medicina da Bahia (1879-1949)”. *Revista Feminismos*, 1(2), 2013.